

## MILLENNIUM 1: OS HOMENS QUE ODEIAM AS MULHERES

de David Fincher \_ 17 de Maio de 2012

**sinopse** Mikael Blomqvist (Daniel Craig), jornalista e fundador da revista "Millenium", dedica a sua vida a revelar o crime e a corrupção que minam a sociedade sueca. Como resultado, tem vários inimigos e é tido como culpado num caso de difamação. Um dia é procurado por Henrik Vanger (Christopher Plummer), empresário de renome obcecado em compreender as razões que levaram ao desaparecimento, há mais de 40 anos, da sua sobrinha. Vanger acredita que alguém da família poderá estar relacionado com o desaparecimento de Harriet, cujo corpo nunca foi encontrado. O empresário faz então uma proposta irrecusável ao jornalista: dá-lhe acesso total à sua vida, documentação pessoal e dados familiares em troca da solução para o caso. Com a ajuda de Lisbeth Salander (Rooney Mara), uma "hacker" profissional com um passado misterioso, Mikael vai encontrar a história da sua vida.

Um "thriller" de David Fincher ("Clube de Combate", "Sete Pecados Mortais", "O Estranho Caso de Benjamin Button", "A Rede Social"). Depois do enorme sucesso do filme de Niels Arden Oplev em 2009, é a adaptação americana do primeiro tomo da trilogia "Millennium" de Stieg Larsson, obra que já vendeu 65 milhões de cópias em 46 países.

**ficha técnica** Título original: The Girl with the Dragon Tattoo (EUA/GB/SUE/ALE, 2011, 158 min.)

Realização: David Fincher

Interpretação: Daniel Craig, Rooney Mara, Christopher Plummer, Stellan Skarsgård

Argumento: Steven Zaillian

Produção: Ceán Chaffin, Scott Rudin, Ole Søndberg

Musica: Trent Reznor, Atticus Ross

Fotografia: Jeff Cronenweth

Montagem: Kirk Baxter, Angus Wall

Estreia: 19 de Janeiro de 2012

Distribuição: Columbia Tristar Warner

Classificação: M/16



### Uma heroína para o século XXI

João Lopes, Cinemax

**David Fincher, cineasta de "Se7en", "Clube de Combate" e "A Rede Social" está de volta com a adaptação da primeira parte da trilogia "Millennium", de Stieg Larsson: um grande acontecimento de um cinema intransigentemente humano.**

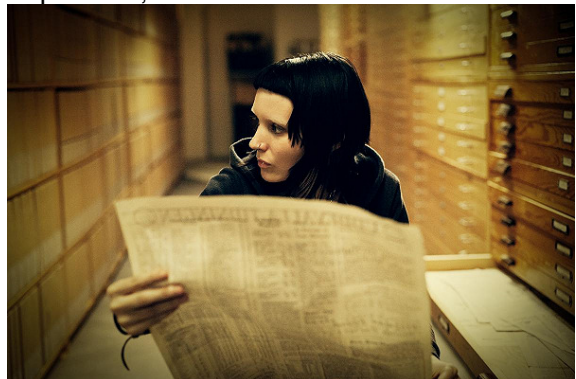
É muito provável que a maior parte das expectativas em torno do novo filme de David Fincher, "Millennium 1 - Os Homens que Odeiam as Mulheres", passem por duas questões principais: primeiro, a maior ou menor fidelidade ao primeiro livro da trilogia, best-seller internacional, de Stieg Larsson; depois, as coincidências e diferenças em relação à versão sueca, realizada por Niels Arden Oplev em 2009, com Noomi Rapace no papel de Lisbeth Salander.

São questões possíveis, como é óbvio, eventualmente interessantes. Mas são também questões que correm o risco de passar ao lado do carácter excepcional do trabalho de mise en scène de Fincher. Assim, o que ele faz é menos uma variação sobre um esquema mais ou menos policial e mais, muitíssimo mais, um exercício de especulação sobre as fronteiras da verdade, ou melhor, sobre a nossa relação com a verdade (neste caso, tendo como centro a descoberta do que realmente aconteceu, há 40 anos, com a personagem de Harriet Vanger).

Talvez que a mais eloquente expressão desse trabalho esteja na espantosa transfiguração de Rooney Mara (que tínhamos visto, sob a direcção de Fincher, em "A Rede Social"), assumindo a personagem de Lisbeth. Enredada numa sinistra teia de dependência do agente da segurança social que gere os seus destinos, ela é um bicho de sobrevivência que Fincher trata como uma insólita e tocante heroína: move-se como um animal ferido, evita o olhar dos outros, possui uma agressividade imprevisível e, ao mesmo tempo, envolve-nos numa teia de comovente vulnerabilidade.

Lisbeth é, afinal, o pólo decisivo de um processo de conhecimento que Fincher filma como uma vertigem eminentemente moderna. Das fotografias desenterradas de um passado inquietante, até aos links mais delirantes dos modernos computadores, "Millennium 1" evolui como uma verdadeira epopeia de lugares escuros e assombrados em que cada um está condenado a testar tudo aquilo que o define: a justeza do seu olhar, a moral dos seus gestos, as ambivalências dos seus desejos.

Nesta perspectiva, Fincher confirma-se, como é óbvio, como um admirável gestor dos mais modernos e sofisticados recursos técnicos do cinema. Repare-se, em todo o caso: isso não tem nada a ver com o massacre mediático a que somos regularmente sujeitos por causa dos filmes ditos de "efeitos especiais", com muitos milhões de dólares para exhibir nas estatísticas. Claro que Fincher faz um cinema ultra-sofisticado, com orçamentos altíssimos. Mas o seu tema é, ainda e sempre, a nossa magoada humanidade.



Não por acaso, "Millennium 1" evolui como um puzzle em que, quanto mais nos aproximamos de uma verdade irrecusável (afinal, o que aconteceu realmente a Harriet?...), mais nos confrontamos com o mais radical de cada um de nós, espectador incluído. Tal como nas viagens labirínticas de "Se7en" (1995) ou "Zodiac" (2007), também aqui deparamos com a claridade paradoxal de uma história tecida de medos e fantasmas. Lisbeth é uma aparição para este nosso angustiado século. Não admira que nos reconheçamos na sua luminosa tristeza.

## **A mulher que odeia os homens**

*Jorge Mourinha, 19 de Janeiro de 2012*

David Fincher adapta o primeiro dos três romances de Stieg Larsson: é mais cinema que a versão sueca, mas falta-lhe Noomi Rapace

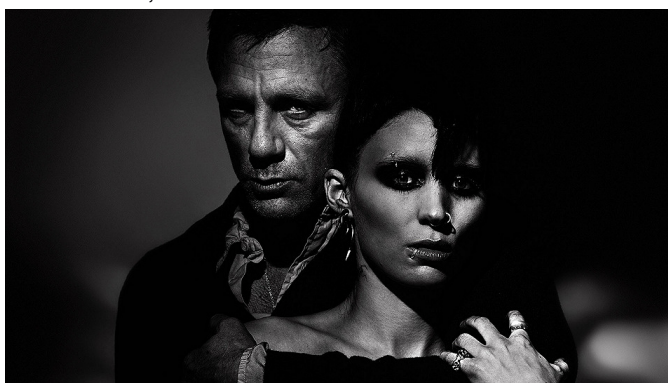
Havia, genuinamente, necessidade de voltar a adaptar ao cinema os romances da trilogia "Millennium" de Stieg Larsson, dois anos apenas após a produção de uma versão escandinava (feita originalmente a pensar na televisão, é verdade, mas estreada em sala)? Digamos que, para

lá da tradicional fuçanguice autista dos estúdios americanos e da sua alergia a tudo o que seja falado noutras línguas que não o inglês, havia espaço para se fazer melhor. Os três filmes suecos não passavam de peças funcionais à medida de uma “soirée” televisiva meio distraída, com um ponto grande a favor na presença de Noomi Rapace, que encarnava a heroína gótico-psicótica Lisbeth Salander como se nunca tivesse feito outra coisa na vida.

E faz todo o sentido que seja David Fincher a assumir as rédeas desta “remake”, ou não fossem Lisbeth e o jornalista Mikael Blomqvist, heróis falíveis e fortes, obsessivos e trágicos, à medida das personagens principais da sua filmografia. Não deve, igualmente, ser mera coincidência que os crimes desvendados pela “hacker” asocial e pelo jornalista desacreditado enquanto investigam o passado de uma rica família industrial sueca transportem longínquos ecos de dois dos filmes-chave do realizador americano: “Sete Pecados Mortais” e “Zodiac”.

Nas mãos de Fincher e do argumentista Steven Zaillian, assim, o primeiro dos três romances de Larsson ganha uma fluidez e uma inquietação envolventes, confirmando o cineasta americano como mestre do enquadramento atmosférico.

O que “Os Homens que Odeiam as Mulheres” tem que o original de Niels Arden Oplev não tinha é a sensação de pântano traiçoeiro de uma sociedade que esconde uma tonelada de esqueletos no armário por trás da sua aparência de funcionalismo-IKEA. É um filme mais duro, mais impiedoso, que lança igualmente um olhar perturbante sobre uma sociedade da informação onde os segredos o são cada vez menos ou por um menor espaço de tempo.



Mas perde-se onde, ironicamente, mais importava ganhar - na Lisbeth de Rooney Mara, mais autista e menos humana que a de Noomi Rapace. É uma criação de uma nota só, que nunca penetra realmente até ao núcleo da personagem, tanto mais quanto Daniel Craig é uma excelente opção para a personagem de Blomqvist e o restante elenco consegue fazer milagres com apenas duas ou três cenas (Steven Berkoff e Joely Richardson são extraordinários). O resultado desvia o centro de gravidade de Lisbeth para Blomqvist, com Fincher a subalternizar o mistério policial no centro da trama, reduzindo-o a um simples pretexto para um exercício de estilo virtuoso na construção de uma atmosfera inquietante de corrupção profunda, à medida de um realizador perfeccionista. É um filme eficaz e intrigante, cerebral q. b., mas ao qual falta aquele “rasgo” que o elevasse acima do mero funcionalismo de luxo.